

Zulu

Cíntia Moscovich³*Para Abner de Irrawady of Chatquirir*

Foi a vizinha da casa ao lado de nosso prédio, Dona Alcione, que me veio, pelo final da manhã, com a novidade. Trouxe-a com o gosto antigo de quem sabe amar coisa nascida de outra.

Ao abrir a porta, percebi que o rosto gordo e lustroso tinha a expressão afobada, os olhos aguados de expectativa. Junto ao peito, entre os braços fofos, trazia alguma coisa envolta numa toalha. Ela disse olha aqui o que me deixaram em casa. Desembrulhou lentamente a trouxinha, e de dentro dela emergiu.

Um gatinho.

Os imensos olhos amarelos lhe tomavam toda a cara, contrastando com a cor negra do pêlo; a boca era só um furo na cabeça triangular. As orelhas moviam-se, curiosas. Eu, diante da cena, constrangida, não sabia bem o que fazer: protegia-me atrás da folha da porta, como se me defrontasse com grossa ameaça. Não tinha palavra que coubesse naquela situação. Lá de dentro, da sala, veio a pergunta xereta de Anabel: que é, mãe?

Como não lhe respondesse, passou por mim, forçou a porta para abri-la mais um pouco e olhou a vizinha. Claro, logo percebeu que Dona Alcione não estava só e, pondo-se na ponta dos pés, pediu para ver. A outra, com sabedoria aliciante, abaixou os braços. Os dois serezinhos se olharam. Tive exata ciência de que a graça do gato pegou minha filha em flagrante, e vice-versa, crianças e bichos têm disso. Anabel estendeu as mãos, queria pegá-lo. Mas Dona Alcione, ciosa de seu papel, observou que talvez fosse melhor colocar a criaturinha no chão. Às vezes, a bondade me deixa ríspida e severa; às vezes, como naquele momento, me intimida a ponto de provocar um mutismo involuntário. Eu, mesmo sem querer, mesmo sem concordar, mesmo que intimamente me faltasse a habilidade de ser boa naquela hora, aquiescia no meu silêncio. O filhote foi posto sobre o tapete da sala de estar.

Era uma coisa trêmula de passos incertos e periclitantes. Dona Alcione suspirou, jogando a toalha por cima do ombro:

— Coitadinho. Não deve ter nem dois meses e já foi enjeitado.

As palavras, pronunciadas daquela forma de tamanho pesar, me desmancharam. Eu já havia dado à minha filha peixes, tartarugas e até um coelho de grandes olhos vermelhos e de pêlo alvo feito algodão de farmácia. Mas, pouco tempo viveram os animais sob os cuidados de Anabel: o peixe não resistiu a um banho com sabonete, a tartaruga não sobreviveu a uma viagem à praia, e o coelho conseguiu a proeza de cair do parapeito da nossa janela, sétimo andar — fato que me fez, alarmada, instalar redes de proteção. Nunca me havia ocorrido

a idéia de um gato ou um cachorro, criaturas que se parecem demais com os humanos.

Minha filha acocorou-se, sentando sobre os calcanhares, e percorreu de leve o corpo peludo com a ponta dos dedos. O gato estremeceu, alongou as quatro patinhas, roçando o dorso de um negror ruço contra as pernas de Anabel. Pronto, o desastre estava feito. Contra todas minhas precauções anteriores, ela viera ao mundo não para cuidar de peixes, tartarugas ou coelhos albinos: viera ao mundo para ser a protetora da natureza aprisionada daquele gato. Por isso, e só por isso, emudeci em resignação quando me indagou se eu deixava que ele morasse conosco. Quando me voltou o tino, como a pergunta se repetisse, ela já puxando a barra de meu vestido — deixa, mãe? deixa? —, respondi que estava bem, poderíamos tentar. Alerttei, antes que me tomasse por alguém que se dobra facilmente, que nem todas as tentativas davam certo.

Dona Alcione lembrou que tinha de ir-se, acabar a arrumação da casa e fazer compras no mercado. Como não havia volta atrás, como me parecesse mais do que injusto romper a corrente de faceirice de minha filha, abri a porta para a vizinha. Não sabia se era momento de agradecer ou de enchê-la de impropérios. Antes de tomar o elevador, palpitou que era um macho. Certeza, certeza mesmo, ela só tinha uma:

— Está cheio de pulgas.

Pulgas. Então, de repente, assim de uma hora para outra, eu tinha sobre o tapete da sala de estar um bicho sugado por parasitas. Só então, mas daí já era tarde demais, pensei no que diria meu marido, quando chegasse para a janta, ao ver o novo morador da casa. Mas sempre havia a esperança de que ele compreendesse que o gato e Anabel se pertenciam, os vínculos inegáveis a que devem ceder pai e mãe. Olhei para o bichano, que ainda caminhava, incerto, sobre as flores do tapete. Anabel foi impiedosa: e agora o que é que a gente faz, mãe? E como eu deveria saber? O olhar de minha filha aguardava com esperança o meu primeiro gesto de amor eficaz: eu era a mãe, a mim tocava amar e criar. Não sem certo receio, aproximei-me. Ele ergueu a cabeça.

Miou.

Ah, a dor do miado de um filhotinho. Depressa, soube que tinha de alimentá-lo, tirar-lhe as pulgas — como? —, vaciná-lo, arranjar uma caminha e um lugar para que fizesse xixi e cocô.

Com todo o cuidado, com extrema delicadeza, fiz o que minha filha esperava que eu fizesse: peguei o filhote entre os braços. Era uma coisinha de corpo morno e de pêlos ásperos, levíssima, bem mais leve do que se poderia supor e que se acomodava à feição de meus contornos com uma ternura de olhos lentos, como se olhos pudessem suspirar de prazer. Levei-o até a cozinha e coloquei-o no chão de ladrilhos. Custou a equilibrar-se sobre o piso frio, mas quando lhe alcancei o pires com leite, atirou-se feito um fidalgo à comida. Lambia o leite dentro do

prazer a que tinha direito: havia pago de antemão com o sofrimento da espera. Nós duas assistíamos àquele repasto sofrido. O leite era amor entre estranhos.

Um pouco antes de sentar-se à mesa do almoço, minha filha perguntou se podia chamar o bichano de Zulu. Por quê?, indaguei. Minha filha, mãos na cintura, quase brava por eu não ter reparado na obviedade, explicou:

— Porque ele é todo preto.

Concordei, numa interjeição em que assumia minha mais profunda burrice.

Durante a tarde, seguiu-se uma romaria: veterinária perto de casa, minucioso exame — sim, era um macho —, remédio contra pulgas, vermífugos, vacinas, ração. A conta me pareceu extraordinária para um bichinho tão pequeno e de origem tão obscura. E eu, ainda por cima de tudo, teria de justificar mais essa despesa.

À tardinha, quando meu marido chegou em casa, os alicerces do edifício tremeram: mas como eu tinha cometido uma irresponsabilidade daquelas? E passou a enumerar pestes, doenças, fungos, vírus, bactérias, sujeiras e imundícies aterradoras. Anabel tranqüilizou-o, sentando-se em seu colo: não se preocupasse, o gato estava limpinho, vacinado, ela iria cuidar bem dele, que se chamava Zulu, porque era preto. Acho que meu marido teve a mesma sensação que eu tive. Nada podia ser feito, o destino dos dois estava selado. Não fosse pelo muito sincero entusiasmo de Anabel, ele já teria encerrado por ali mesmo o sentimento e seu desconforto. Considerei-o à nocaute quando se interessou pelo gatinho, afinal bicho movendo-se por si próprio desperta a suavíssima curiosidade.

Quando voltei da cozinha para colocar a janta na mesa, deparei com a cena: Anabel no colo de meu marido, e, no colo de Anabel, Zulu. Pareciam felizes.

À noite, o bichano deveria dormir na área de serviço, numa cesta que antes acomodava frutas. Apaguei as luzes, fechei a porta, fui até o quarto de minha filha e dei-lhe um beijo de boa-noite. Anabel tentou a barganha, queria que o gatinho dormisse com ela. Respondi que não, nem pensar em tal coisa. No entanto, atendendo sabem os anjos a qual apelo, voltei à área de serviço e deixei a porta entreaberta. Zulu amanheceu enrodilhado aos pés da cama de minha pequena.

O gatinho, pelas nossas contas, já ia para oito meses de vida. Crescera, tornara-se corpulento e musculoso, um ser ronronante, cheio de substância e de viçosa altivez. Era um gato feliz, não só porque Anabel o amava: sua felicidade vinha da graça de saber-se gato. Os dias, passava-os languidamente dormitando no sofá da sala, o corpo tremendo ao sabor de algum sonho mais agitado. Os olhos ganharam uma tonalidade dourada e translúcida e tinham o vagar de quem dispõe de todo o tempo e paciência do mundo. Comia em seu prato, ao lado do fogão, em beliscadas ocasionais. Aprendeu, sem custo, a usar a caixinha com areia que eu colocara na área de serviço, e a maior diversão de Anabel era o espetáculo de ver Zulu fazendo xixi. De fato, parecia nobre mesmo em suas necessidades mais primárias.

Lá, num sábado de manhã, Anabel entrou esbaforida na cozinha:

— Mãe, Zulu está doente.

Eu bem reparara que ele andava miando mais do que de hábito, mas creditei o fato às muitas dengüices do bichano. Disparei para a sala, secando as mãos no avental, e vi que Zulu rolava no chão, contorcendo-se muito. De imediato, envolvi-o em uma toalha e corri à veterinária.

A médica não precisou examiná-lo muito para chegar a um diagnóstico. Antes de nos esclarecer qualquer coisa, falou que estava mais habituada a tratar cachorros, gatos eram raros em seu consultório, equívocos acontecem a torto e a direito. Anabel estava quase às lágrimas e ouvia tudo sem entender nada. Eu tampouco. Pedi para ela me dizer que doença tinha Zulu. A veterinária, coradíssima, afirmou que nosso mimoso não estava doente. O que ele tem?, quase gritei. Ela abaixou a cabeça, a voz saiu-lhe débil:

— Zulu é uma fêmea. — Ato contínuo, corando mais ainda, coisa que parecia impossível, disparou o tiro de misericórdia: — E está no cio.

A vida se duplica e se encadeia, isso queríamos ensinar para Anabel quando decidimos o que fazer. Antes, claro, conversamos com a veterinária, que nos auxiliou no mínimo necessário.

Zilá passa bem, é mãe extremada e amorosa, lindo de vê-la, amamentando. Anabel gasta horas a fio, observando os sete nenês, rosto entre as mãos, enternecida com aqueles serezinhos que ela viu nascer em seu próprio quarto. Também já flagrei meu marido, sentado no chão, apreciando a magnífica cena, fazendo de conta que ralha com os mais apressadinhos que pisam nos irmãos para conseguir a teta mais gorda. Cheguei a pensar que, quando os filhotes completassem dois meses, iria de visita a Dona Alcione, ela sempre soube o que fazer nesses casos. Descartei a possibilidade maldosa: na verdade, toda a família continuará mais tempo por aqui. Tenho aprendido muito com Anabel. Como, por exemplo, o instinto dócil e novo de amar coisa nascida de outra, amamentando.

Zulu

Cíntia Moscovich³

Tradução: Sonia Gabriela Petit Flamant¹

Fue la vecina de la casa de al lado, doña Alcione, que vino alrededor del mediodía con la novedad. La trajo con el gusto antiguo de quien sabe amar cosa nacida de otra.

Al abrir la puerta, noté que su rostro gordo y lustroso tenía una expresión agobiada, los ojos aguados de expectativa. Junto a su pecho, entre los brazos

¹ Tradutora. Bacharel em Letras – Português/Espanhol, UFRGS

fofos, traía algo envuelto en una toalla. Dijo mira lo que me han dejado en casa. Desenvolvió lentamente el atado y de adentro emergió.

Un gatito.

Los inmensos ojos amarillos le ocupaban toda la cara, contrastando con el color negro del pelo; la boca era sólo un agujero en la cabeza triangular. Las orejas se movían curiosas. Yo, frente a esa escena, un poco avergonzada, no sabía exactamente lo que hacer: me protegía atrás de la hoja de la puerta, como si me estuviera enfrentando a una gran amenaza. No encontraba la palabra que se pudiera decir en esa situación. Del interior de la casa, desde la sala, llegó la pregunta fisgona de Anabel: ¿qué pasa mami?

Como no le respondía, pasó a mi lado, forzó la puerta para abrirla un poco más y miró a la vecina. Claro, enseguida notó que doña Alcione no estaba sola y poniéndose en puntas de pie le pidió déjame ver. La otra, con una sabiduría seductora, bajó los brazos. Los dos pequeños seres se miraron. Tuve exacta conciencia de que la gracia del gato encontró a mi hija al descubierto y viceversa, niños y bichos tienen de esas cosas. Anabel extendió las manos, quería sujetarlo. Pero doña Alcione, consciente de su papel, observó que tal vez fuese mejor colocar a la criaturita en el piso. A veces, la bondad me hace ríspida y severa; otras veces, como en aquel momento, me intimida al punto de provocarme un mutismo involuntario. Yo, aún no queriendo, aún sin estar de acuerdo, aún cuando íntimamente me faltaba habilidad para ser buena en aquel momento; con mi silencio, consentía. El bichito fue colocado sobre la alfombra de la sala.

Era una cosita temblorosa de pasos vacilantes. Doña Alcione suspiró, largando la toalla encima de su hombro.

— Pobrecito. No debe tener ni dos meses y ya lo han abandonado.

Las palabras, pronunciadas de aquel modo, con tamaño pesar, me desarmaron. Yo a mi hija ya le había dado peces, tortugas y hasta un conejo de grandes ojos rojos y un pelo blanco como algodón de farmacia. Pero poco tiempo vivieron los bichos bajo los cuidados de Anabel: el pececito no resistió a un baño con jabón, la tortuga no sobrevivió a un viaje a la playa y el conejo consiguió la proeza de caer de la baranda de nuestra ventana, séptimo piso — hecho que me hizo, alarmada, colocar redes de protección. Nunca se me había ocurrido la idea de tener un gato o un perro, criaturas que se parecen demasiado a los humanos.

Mi hija se puso en cuclillas, sentándose en los talones y recorrió levemente el cuerpo peludo con la punta de los dedos. El gato se estremeció, alargó las cuatro patitas rozando su dorso de un negro grisáceo contra las piernas de Anabel. Listo, el desastre estaba consumado. Contra todas mis precauciones anteriores, ella no había venido al mundo para cuidar peces, tortugas o conejos albinos: había venido al mundo para ser la protectora de la naturaleza aprisionada de aquel gato. Por eso, y sólo por eso, enmudecí de resignación cuando me indagó si yo dejaba que él viviese con nosotros. Cuando recuperé el discernimiento, como la pregunta se repetía, ella ya jalando el bias de mi vestido — ¿me dejás mami? ¿me

dejás? — respondí que estaba bien, que podíamos intentarlo. Le alerté, antes de que me tomara por alguien que se doblega fácilmente, que no todos los intentos funcionaban.

Doña Alcione recordó que tenía que irse para terminar de arreglar la casa y hacer compras en el mercado. Como no había más vuelta y me parecía más que injusto interrumpir el entusiasmo de mi hija, le abrí la puerta a la vecina. No sabía si era el momento de agradecerle o llenarla de improperios. Antes de subirse al ascensor, dijo que creía que era macho. Certeza, certeza total, ella sólo tenía una:

— Está lleno de pulgas.

Pulgas. Entonces, de repente, así, de un momento al otro, yo tenía sobre la alfombra del salón, un bicho devorado por parásitos. Sólo en ese momento, pero entonces ya era demasiado tarde, pensé en lo que le diría a mi marido cuando llegara a cenar y viera al nuevo residente de la casa. Aunque siempre existía la esperanza de que él comprendiera que el gato y Anabel se pertenecían, vínculos innegables a los que deben ceder padre y madre. Miré al bichito, que aún caminaba desequilibrado, inseguro, sobre las flores de la alfombra. Anabel fue impiadosa: ¿y ahora qué hacemos mami? ¿Y cómo podía saber? La mirada de mi hija aguardaba con esperanza mi primer gesto de amor eficiente: yo era la madre, a mí me tocaba amar y criar. Con alguna desconfianza, me aproximé. Él levantó la cabeza.

Maulló.

¡Ay! ¡el dolor de un maullido de un gatito!. Enseguida supe que había que alimentarlo, sacarle las pulgas — ¿cómo? — vacunarlo, conseguirle una camita y un lugar para que hiciera sus necesidades.

Con todo el cuidado y con extrema delicadeza, hice lo que mi hija esperaba que hiciera: tomé el gatito en los brazos. Era una cosita de cuerpo tibio y pelos ásperos, livianita, mucho más liviana de lo que se podía suponer y que se acomodaba perfectamente moldeándose a mis contornos con una ternura de ojos lentos, como si ojos pudieran suspirar de placer. Lo llevé hasta la cocina y lo coloqué en el piso de ladrillos. Le costó equilibrarse en el piso frío, pero cuando le alcancé una tacita con leche, se lanzó hecho un hidalgo hacia la comida. Lamía la leche con todo el placer al que tenía derecho: había pagado de antemano con el sufrimiento de la espera. Nosotras dos presenciábamos aquel banquete sufrido. La leche era amor entre extraños.

Un poco antes de sentarse a almorzar, mi hija me preguntó si podía ponerle al bichito el nombre de Zulú. ¿Por qué?, le pregunté. Mi hija, con las manos en la cintura, casi enojada por que yo no notaba lo que era obvio, me explicó:

— Porque es todo negro.

Manifesté estar de acuerdo con un gesto en el que asumía mi más profunda ignorancia.

Durante la tarde, fue una peregrinación: veterinaria cerca de casa, minucioso examen — sí, era un macho — remedio para pulgas, vermífugos, vacunas, comida

para gatos. La cuenta me pareció extraordinaria para un bichito tan pequeño y de origen tan oscuro. Y yo, encima, tendría que justificar también esos gastos.

De tardecita, cuando mi marido llegó a casa temblaron los cimientos del edificio: ¿cómo podía ser que yo hubiese cometido tamaña irresponsabilidad? Y pasó a enumerar pestes, enfermedades, hongos, virus, bacterias, suciedades e inmundicias aterradoras. Anabel lo tranquilizó, sentándose en su falda: que no se preocupara, que el gato estaba limpiito, vacunado, ella lo cuidaría bien, que se llamaba Zulu, porque era negro. Creo que mi marido tuvo mi misma sensación. No se podía hacer nada, el destino de los dos estaba sellado.

Si no fuera por el sincero entusiasmo de Anabel él no habría encerrado tan pronto su sentimiento ni su desánimo. Lo consideré nocaute cuando se interesó por el gatito, al final el bicho moviéndose por sí mismo despertaba una suavísima curiosidad.

Cuando volví de la cocina para traer la cena a la mesa, me deparé con la escena: Anabel en la falda de mi marido, y en la falda de Anabel, Zulu. Parecían felices.

A la noche el bichito debería dormir en el área de servicio, en una canasta en la que antes colocaba frutas.

Apagué las luces, cerré la puerta, fui hasta el cuarto de mi hija y le di un beso de buenas noches. Anabel intentó negociar, quería que el gatito durmiera con ella. Respondí que no, que ni lo pensara. No obstante, atendiendo a sabe Dios qué apelo, volví al área de servicio y dejé la puerta entreabierta. Zulu amaneció hecho un rollito a los pies de la cama de mi pequeña.

El gatito, según nuestras cuentas, ya tenía unos ocho meses. Había crecido y se había vuelto corpulento y musculoso, un ser ronroneante, lleno de sustancia y de tierna altivez. Era un gato feliz, no solo porque Anabel lo amaba: su felicidad venía de la gracia de saberse gato. Los días, los pasaba lánguidamente dormitando en el sofá de la sala, el cuerpo temblando al sabor de algún sueño más agitado. Los ojos recibieron una tonalidad dorada y translúcida y tenían la calma de quien dispone de todo el tiempo y paciencia del mundo. Comía en su plato, al lado de la cocina, en pellizcos ocasionales. Aprendió sin dificultad a usar la cajita con arena que yo le había colocado en el área de servicio y la mayor diversión de Anabel era el espectáculo de ver a Zulu haciendo pipí. De hecho, parecía noble aún en sus necesidades más primarias.

Una vez, cierto sábado de mañana, Anabel entró agitada a la cocina:

— Mami, Zulu está enfermo.

Yo ya había notado que él andaba maullando más que de costumbre, pero atribuí ese hecho a las muchas mañas del bichito. Corrí para la sala, secándome las manos en el delantal y vi que Zulu se retorció en el piso. De inmediato lo envolví en una toalla y corrí a la veterinaria.

La médica no precisó examinarlo mucho para llegar al diagnóstico. Antes de aclararnos nada, nos dijo que estaba más habituada a trabajar con perros, que gatos eran raros en su consultorio, que cometer errores es algo común. Anabel

estaba a punto de llorar y escuchaba todo sin entender nada. Le pedí que me dijera cuál era la enfermedad de Zulu. La veterinaria, coloradísima, afirmó que nuestro mimoso no estaba enfermo. ¿Qué es lo que tiene? casi grité. Ella bajó la cabeza, su voz salió débil:

— Zulu es una hembra. — a continuación, poniéndose más colorada, cosa que parecía imposible, disparó el tiro de gracia: — y está en celo.

La vida se duplica y se encadena, eso queríamos enseñarle a Anabel cuando decidimos lo que hacer. Antes, claro, conversamos con la veterinaria, que nos auxilió en lo mínimo necesario.

Zilá está bien, es una madre extremadamente cuidadosa y amorosa, es lindo verla amamantando. Anabel pierde horas y horas observando las siete crías, su rostro entre las manos, enternecida con aquellas criaturitas que vio nacer en su propio cuarto. También ya descubrí a mi marido, sentado en el piso, apreciando la magnífica escena, como que reprendiendo a los más apuraditos que pisan a los hermanos para conseguir la teta más gorda. Llegué a pensar que cuando los cachorritos completaran dos meses, visitaría a doña Alcione, ella siempre supo qué hacer en estos casos. Descarté cualquier posibilidad maliciosa: en realidad, toda la familia continuará un poco más por aquí. He aprendido mucho con Anabel. Como por ejemplo, el instinto dócil y nuevo de amar cosa nacida de otra.